

O Brasil que ninguém conhece, ninguém viu

Floriano Martins¹
floriano.agulha@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre a cultura brasileira e sua relação ambígua com a América Latina, partindo da ideia de que o Brasil permanece, em grande medida, desconhecido de si mesmo. O texto articula ensaio, poesia e reflexão cultural para discutir os efeitos históricos da colonização, da exploração econômica e da persistente lógica de dependência simbólica que moldaram a formação cultural do país. Analisa-se a recorrência de modelos culturais importados, a fragilidade do diálogo interno e continental e a dificuldade brasileira de reconhecer-se como parte ativa da América Latina. O artigo questiona as noções tradicionais de identidade cultural, defendendo a diversidade, a fragmentação e o diálogo como fundamentos de qualquer construção identitária possível. Também se examina o papel da indústria cultural, do mercado editorial e da ausência de políticas públicas consistentes na preservação e difusão do patrimônio intelectual brasileiro e latino-americano. Conclui-se que o diálogo cultural permanece central.

Palavras-chave: cultura brasileira; identidade cultural; América Latina; indústria cultural; diálogo cultural.

The Brazil That No One Knows, No One Has Seen

Abstract: This article offers a critical reflection on Brazilian culture and its ambiguous relationship with Latin America, starting from the idea that Brazil largely remains unknown to itself. The text combines essay, poetry, and cultural reflection to examine the historical effects of colonization, economic exploitation, and the persistent logic of symbolic dependence that have shaped the country's cultural formation. It analyzes the recurrence of imported cultural models, the fragility of internal and continental dialogue, and Brazil's difficulty in recognizing itself as an active part of Latin America. The article challenges traditional notions of cultural identity, arguing that diversity, fragmentation, and dialogue are essential foundations for any viable identity construction. It also examines the role of the cultural industry, the publishing market, and the lack of consistent public policies in preserving and disseminating Brazilian and Latin American intellectual heritage. The article concludes that cultural dialogue remains central to overcoming isolation, mediocrity, and symbolic dependence.

Keywords: Brazilian culture; cultural identity; Latin America; cultural industry; cultural dialogue.

O Brasil é uma terra marcada por uma curiosa opulência. Uma metáfora que constantemente se desgasta e, ao mesmo tempo, renasce no mesmo ritmo. O fim imita o interminável. Não me refiro à floresta amazônica, embora ela também se recupere milagrosamente de seus incêndios impenitentes.

¹ Poeta, ensaísta, tradutor. Agulha Revista de Cultura | ARC Edições, 1999-2024
<http://arcagulharevistadecultura.blogspot.com.br/> Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-1072-0645>

Refiro-me à natureza humana, a essa mistura de autofagias que nutre nosso ser desde que o ouro original de nossas terras foi maliciosamente trocado por contas de Portugal. Até hoje mantemos essa imprudência ou esse acervo de inocência que torna a colonização uma cerimônia perpétua, ontem vinda de fora, hoje misturada a escalpelos culturais dentro e fora de nossa concepção de mundo. Nosso relógio de sol perdeu seus ponteiros, ou os trocou no mercado negro, de modo que nosso tempo está em estado de desordem, e às vezes confundimos o novo com uma mera renovação doentia da história. Por isso tantas vezes nos enganamos e louvamos pedras falsas, caminhos repetidos, modelos desgastados.

Alguém me conta rápido a história deste país

As primeiras notícias da terra
tinham areia nos olhos.
Pó vermelho, savana obesa,
a caixa dos pecados é só palha.
Troca entre o mar e o interior,
o menor dos destinos interrompidos.
Tinha de tudo: colheita e prostíbulo,
no faustoso glossário destas vidas.

O inferno atraca sem muita pompa.
Troca sorrisos com a fé e configura sua rede.
Durante mil anos os jornais não discutiram nada.
Os vivos retocam a terra de cada parede.
Aníbal tropeça nas patas de elefante,
disfarça a queda e rouba-lhes o marfim.
As perdas algum dia voltarão a ser ganhos.
Mas Aníbal só conhece um fim.

Até onde há barro
a janela escuta o zunido
de almas em pranto e voo
do deserto mais escondido.
Soletram as tarifas vencidas
os planos para a nova pousada.
Já não viver incrustados,
mas montados na viagem

Diálogo por uma falsa identidade

O poeta Francisco Madariaga (Argentina, 1927-2001) diz que todo escritor deve se resignar a ser incompreendido, equivocada ou maliciosamente. A que poder se pode elevar tal resignação quando o cenário é a América Latina? Não creio que devamos insistir mais em uma identidade cultural latino-americana. Se o que temos é realmente o que somos, não somos mais que um arquipélago disperso, fraturado em várias vértebras. Qualquer outra coisa que se diga soa como uma falácia de protocolo entre nossos governos. A identidade pressupõe conhecimento mútuo, diálogo, destino compartilhado. No caso da América Latina, até mesmo o destino compartilhado se realiza de forma isolada, o que faz com que se sofra mais do que se experimenta.

Se é verdade que a poesia constitui um perigo frente a todas as pretensões totalitárias, também o é que os poetas precisam descobrir e praticar a perversão desse perigo, ou seja, agir de acordo com a agradável aceitação de serem tão perigosos, isto é, se realmente o somos. Esse exercício de perversão requer apenas audácia ao escrever, autonomia estética, plenitude de gozo de si mesmo.

A democratização de uma cultura, como a fábrica de sonhos de Hollywood, nos arrasta para uma situação de enfraquecimento dessa mesma cultura. Em países absurdamente pobres como os que compõem a América Latina, a democratização acaba implicando um rebaixamento do nível de compreensão da realidade. Esse astuto enfoque democrático não visa mais do que obter lucros. Na ourivesaria da cultura, o refinamento se dá precisamente através da comparação, ou seja, do atrito que todo diálogo gera.

Cabe a cada um de nós realizar um mínimo exercício de autoafirmação, algo que nos distinga e permita o refinamento humano da dúvida e das novas afirmações. No entanto, esse exercício não sobrevive isolado da autocrítica. Quando perdemos contato com uma das margens desse rio universal de seres, sentimos às vezes impotência sem o sermos, às vezes brilhamos em nossa aberrante precariedade. O fato é que apenas a diferença atualiza e confirma a existência humana. E não se pode pensar em identidade cultural sem compreender sua diversidade posterior.

Quando se trata de uma cultura continental, como é o caso da América Latina, o que mais importa é a diferença, a multiplicidade de raízes e a qualidade do diálogo que se mantém entre uns e outros e o mundo ao redor. A indústria cultural hoje se sente como uma resposta natural ao desenvolvimento da cultura em todo o mundo. No entanto, o que se desenvolveu foram receitas e incentivos para o surgimento de uma arte medíocre que assume a conotação de bem cultural, graças ao artifício de novas imposições do capital.

Não importa quantos milhões de exemplares vendam Gabriel García Márquez ou Jorge Amado. Não importa que Pablo Neruda e Octavio Paz tenham ganhado o Prêmio Nobel de Literatura. As diferentes formas de aceitação (de outras pessoas) não nos levam ao reconhecimento de nós

mesmos. Me importa o estoicismo de alguns esforços anônimos ou pouco reconhecidos na discussão da literatura latino-americana. A maioria deles são diretores de jornais ou revistas. Alguns são escritores, outros jornalistas respeitosos. Eles foram os artífices incorruptíveis dessa ponte suspensa que pretende conectar as culturas latino-americanas entre si.

Este é o primeiro passo: compreender-se e aceitar-se a si mesmo. A América Latina se chama Euclides da Cunha e José Lezama Lima, Jorge Luis Borges e César Vallejo, Guimarães Rosa e Rubén Darío. Isso é certo, embora não tenhamos uma ideia exata da contribuição estética desses autores no âmbito de um diálogo latino-americano imprescindível. No entanto, a América Latina também se chama República Dominicana, Costa Rica, México, Colômbia, Equador, Bolívia. Todos os países que a compõem, sem exceção, fizeram uma contribuição importante para a criação de uma identidade cultural latino-americana.

Todos esses países sofreram o peso da história da colonização. Foram isolados uns dos outros por meio de uma estratégia astuta. O que antes era autoritarismo político se transformou em um jogo de marketing. O isolacionismo leva à desorientação. A desorientação gera receitas para a indústria cultural. As receitas da indústria cultural fazem com que os governos se sintam participantes da cultura. Já vimos que, assim, o mundo inteiro vive feliz. Quando pensamos na América Latina, o tema é: narcotráfico, corrupção, o inferno verde em que se transformou a Amazônia, etc.

No entanto, o que para eles funciona como uma situação essencial de reconhecimento e diálogo, no Brasil não passa de acaso (geralmente definido pela influência de alguém dentro do cartel editorial). O Brasil é o país menos inclinado a discutir a suposta identidade cultural latino-americana. Além disso, nunca nos sentimos parte da América Latina. Somos algo que não funcionou, mas que não pretendia ser a América Latina. Talvez um café parisiense ou uma praça nova-iorquina. Nossos escritores não dialogam com seus pares. Todos aspiram a descobrir a Europa que acreditam carregar dentro de si. Em alguns casos, serve aos Estados Unidos.

A discussão sobre uma identidade cultural latino-americana se torna ridícula a partir do momento em que os brasileiros se sentam à mesa. A América Latina nunca nos interessou. Na biblioteca de Mário de Andrade, por exemplo, encontramos livros de vários poetas sul-americanos e mexicanos assinados por ele. Nunca mencionou publicamente um possível diálogo com essa poesia. Alguns poetas (César Vallejo, Pablo Neruda) trazidos pela Geração de 45 ficaram sem um suporte de tradução aceitável. Os concretistas impuseram seu programa estético, distorcendo as leituras mais compreensivas que poderíamos fazer da poesia de Huidobro, Paz e Gironde.

O Brasil é um grande caos estético. É como um filho de pai desconhecido, que não sabe a quem seguir. Nossa formação se baseia em um princípio de identificação. Precisamos deixar de ser a grande dama errante do planeta. Este país precisa existir. Ou renunciar a isso de uma vez por todas.

Se a identificação tende à busca de unidade com a América Latina, então temos muito a aprender. Não tenho outra sugestão senão a audácia do diálogo. Parar de enviar escritores medíocres para reuniões culturais na América Latina, ou seja, tratar com respeito essas reuniões, que são sistemáticas e eficazes. Trazer a América Latina para nós. Assumir a fragmentação imposta por outras instâncias, tomar consciência dela e reagir.

Enquanto isso, poetas e diretores de inúmeras publicações em toda a América Latina continuarão tecendo e desfazendo uma unidade que é impossível, exceto através do brilho de sua diversidade. Não é exatamente poesia, literatura ou jornalismo. O básico é entender que não existe América Latina além do conceito ajustável de indústria cultural. Para estabelecer uma identidade cultural, aceita como latino-americana, primeiro devemos nos conhecer e sentar à mesa, mesmo que seja apenas para tomar uma cerveja. A falta de diálogo afunda um povo em sua mediocridade. Só o diálogo funda uma cultura.

A saga do refúgio sem lar

Como o Estado se recusa a preservar a obra completa de nossos autores clássicos, e o único parágrafo legal que constitui sua defesa é a inclusão do autor em domínio público, são raros os casos em que encontramos a totalidade de uma obra disponível ao público, vinda do setor privado. Está claro que o Estado brasileiro não tem uma cultura para oferecer ao mundo. Não temos um patrimônio cultural que corresponda à nossa posição em um mapa internacional de consequências estéticas. Claro, conhecemos a importância e o reconhecimento internacional de nomes como Carlos Drummond de Andrade, Maria Martins, Vicente do Rego Monteiro, João Guimarães Rosa, etc., mas sabemos que esses destaques nunca foram resultado de uma iniciativa institucional. Recentemente vimos o fechamento de uma editora brasileira, Cosac Naify, que desempenhou um papel de risco extraordinário em nosso mercado. Cumpriu um duplo papel, acolhendo figuras fundamentais, tanto locais quanto estrangeiras. Acima de tudo, entendeu a necessidade do diálogo entre culturas, como uma forma de descobri-las e fortalecê-las. Acredito que essa editora, na mesma proporção que, em outra plataforma, vemos na Agulha Revista de Cultura, fomenta, pelo menos, a crença de que é possível avançar na recuperação, ou melhor, na fundação de um ambiente cultural que nos permita, brasileiros, identificar o mundo real que temos, dentro e fora de nós.

Houve um tempo em que as interferências ideológicas nos trouxeram alguns nomes erráticos. Isso nos deu a falsa ideia de uma América comunista. Nenhuma força ideológica opera a 100%, e menos ainda intercepta a ação do ambiente estético, seja favorável ou não à ideologia vigente. É tolice acreditar nisso. Mesmo os estados revolucionários, em sua magnitude, deram ao mundo uma arte contrária aos seus postulados. A poesia na América Latina tem parâmetros tão intensos quanto as

incursões teatrais de Claude Gauvreau (Canadá), a épica variada segundo a visão de Aimé Césaire (Martinica) ou Pablo Antonio Cuadra (Nicarágua), a lírica transbordante de César Moro (Peru) e Enrique Molina (Argentina), os efeitos dramaturgicos de Eunice Odio (Costa Rica) e Marosa di Giorgio (Uruguai). Outros nomes que desconhecemos: a paixão nua da poética do chileno Enrique Lihn, o labirinto verbal de um fascinante argentino: Roberto Juarroz, etc. Posso mencionar pelo menos um nome fundamental para a tradição literária, seja em prosa ou em verso, em cada um desses países, sem esquecer títulos de ensaios essenciais para compreender sua cultura literária. Não se trata disso. Não estamos aqui para remendar uma colcha mal feita.

Me parece que a ideia é destacar o possível e o impossível nessa relação entre o Brasil e a América Latina. Uma síntese diria que é o possível tornado impossível. Isso não nos ajuda em nada. O dano já está feito. A questão é: se o tema desperta interesse, o que podemos fazer daqui para frente?

Portanto, há dois desafios que enfrentamos no Brasil em relação a esse tema: a audácia de realizar ações que apontem nessa direção e a firmeza de descobrir mecanismos que garantam sua manutenção, sua permanência. Vamos dar uma boa ajuda:

Quando fui curador da 8ª edição da Bienal Internacional do Livro do Ceará, em 2008, trouxemos ao seu ambiente comercial dezenas de editoras hispano-americanas, e houve aceitação no mercado para todas elas. Como destacou depois o relatório geral do evento, o tema da 8ª Bienal Internacional do Livro do Ceará foi “A aventura cultural da mestiçagem”, abrangendo duas comunidades linguísticas: a portuguesa e a espanhola, bem como suas manifestações artísticas e culturais, totalizando 30 países localizados em quatro continentes: África, América, Ásia e Europa. A audácia de tal alcance desviou o foco habitual dos programas literários de outros eventos semelhantes, concentrando-se aqui em evocar a multiplicidade de culturas e a condição mestiça de suas raízes. [...] A área expositiva da 8ª Bienal Internacional do Livro do Ceará, considerando o alcance de seu tema central, contou com um número significativo de expositores também dos países envolvidos, incidindo assim em uma maior integração entre a literatura em língua portuguesa e espanhola. Uma diferença significativa neste caso foi a criação de um espaço denominado “Ilha dos Continentes”, cuja área de 234 m² foi destinada a receber editoras estrangeiras que, geralmente, não dispõem de recursos para participar de eventos internacionais. No entanto, não havia determinação institucional para avançar com tal plano de integração.

Outra ação a sugerir envolve fomentar a criação e a pesquisa, bem como planejar a manutenção sistemática de acervos e a criação e renovação de espaços culturais. Tomemos, por exemplo, o FONCA – Fundo Nacional para a Cultura e as Artes, no México. Criado em 1989, este Fundo tinha as seguintes tarefas: apoiar a criação e produção artística e cultural de qualidade; promover e difundir a cultura; aumentar o patrimônio cultural e preservar e conservar o patrimônio

cultural da nação. A ele cabe, portanto, investir em projetos culturais profissionais que surjam na comunidade artística, além de oferecer recursos para que os criadores possam desenvolver seu trabalho sem restrições, afirmando o exercício das liberdades de expressão e criação, segundo o portal da Secretaria de Cultura do México.

Outro aspecto a ser destacado é a condição de Estado editor. E aqui nos beneficiaríamos do exemplo venezuelano com a criação de sua monumental Fundação Biblioteca Ayacucho. No primeiro parágrafo do relatório que abre seu portal na Internet, encontramos a afirmação clara: A Biblioteca Ayacucho é um dos sucessos editoriais mais importantes do cenário cultural latino-americano. Desde sua criação em 1974, fortaleceu seu propósito fundamental: manter atualizadas as obras clássicas da produção intelectual do continente, desde o período pré-hispânico até as expressões mais destacadas do presente. Trabalhando com um audacioso projeto editorial que abrange sete coleções, destaco aqui duas delas, que ilustram bem o tema de nossa conversa.

A Coleção Expressão Americana, que toma emprestado seu título de uma obra fundamental de José Lezama Lima, pretende ampliar a temática e os interesses das obras publicadas pela Biblioteca Ayacucho através da edição de livros de material memorável, biográfico, autobiográfico e outros de caráter pessoal, assim como obras de caráter ensaístico, buscando encontrar, nos diversos registros em prosa, uma discussão e meditação estética sustentada ao longo da história da cultura escrita em nosso continente. Outra delas, a Coleção Futuro, por sua vez, é dedicada à atualidade inovadora da literatura venezuelana, incluindo, preferencialmente, antologias regionais de autores já reconhecidos e valorizados pela crítica atenta, mas que requerem maior atenção e difusão. Busca, portanto, publicar escritos que deem forma à prática literária atual e que se projetem com força criativa no horizonte do novo, onde se geram as tendências da escrita continental.

Outra sugestão seria a criação de um fundo editorial que garantisse a publicação de revistas criativas e reflexivas, com uma agenda substancial, que informem sobre o ambiente cultural e artístico da América Latina.

O Memorial da América Latina, localizado em São Paulo, deu um passo valioso no estímulo ao conhecimento do ambiente cultural de nosso continente, através da criação de sua Biblioteca Virtual da América Latina. Lá podemos conhecer o que está acontecendo em vários países hispano-americanos, o que às vezes é frustrante ao descobrir que nos falta um mínimo de seriedade e determinação para realizar ações em vários desses países existentes. Temas que vão desde a profusão de revistas literárias publicadas no México até as atividades da REIC – Rede de Editores Independentes da Colômbia, assim como o catálogo de edições impressas e sua coleção virtual no caso da Biblioteca Nacional do Chile, etc. Cabe destacar que temos diante de nós um mundo que

beira o infinito e todos estamos de acordo (acredito) que a primeira pedra a ser colocada é a institucional.

Qual papel o Estado deve desempenhar, através de seu Ministério das Relações Exteriores, por exemplo, por meio dos Centros de Estudos Brasileiros existentes em todas as capitais dos países latino-americanos? Que prestações de contas o Estado tem solicitado à população em relação a esses temas? Como os artistas e intelectuais se relacionam com esse ambiente? A partir desse fio sem roca, começamos a compreender que o dilema não é apenas institucional. Os horizontes do Brasil continuam fechados no que diz respeito à América Latina. O Estado deveria promover a integração cultural e não o faz. A classe intelectual deveria denunciar tal ineficácia e não o faz. Portanto, é impossível separar o joio do trigo se ambos não aceitam o que são. Concluiria parafraseando Rubén Darío ao afirmar que conhecer outras literaturas é o melhor que podemos fazer para nos libertarmos da tirania de algumas delas.